

COLABORAÇÃO E PROGRESSO: O IMPACTO DO APOIO ENTRE ALUNOS NA LEITURA E ESCRITA

Leilimar de Sousa Alves ¹
Raimundo Nonato Américo da Rocha ²
Elizaete Gomes Ribeiro ³

RESUMO

Este artigo analisa o impacto da colaboração entre alunos no processo de desenvolvimento das competências de leitura e escrita, com base em uma abordagem sociointeracionista fundamentada nas teorias de Paulo Freire e Lev Vygotsky. Partindo da constatação das dificuldades enfrentadas por estudantes — como limitações na compreensão textual, estruturação de ideias, coesão e correção linguística — a pesquisa propõe a mediação entre pares como estratégia pedagógica transformadora. Em um ambiente de aprendizagem dialógico, afetivo e seguro, estudantes com maior domínio atuaram como tutores de colegas em situação de dificuldade, proporcionando avanços significativos na fluência leitora, organização textual e autonomia crítica. A prática colaborativa, articulada à noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), demonstrou-se eficaz não apenas no aprimoramento das habilidades linguísticas, mas também no fortalecimento da autoestima, da empatia e do protagonismo discente. Os resultados evidenciam a necessidade de reconfigurar práticas pedagógicas tradicionais, incorporando metodologias que valorizem a interação, a cooperação e a construção coletiva do saber. Propõe-se, assim, a institucionalização de espaços curriculares voltados à tutoria entre pares, à formação continuada docente em estratégias colaborativas e à promoção de uma cultura escolar inclusiva, crítica e emancipadora.

Palavras-chave: Escrita; Leitura; Zona de Desenvolvimento Proximal.

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são competências essenciais não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para a formação de cidadãos críticos, autônomos e

¹ Graduanda em Curso Superior de Tecnologia em Gestão Comercial EAD – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Graduada em Licenciatura em Letras - Universidade do Estado do Maranhão-UEMA; Esp. em Ciências – Universidade do Estado do Maranhão-UEMA; leilimar78@gmail.com.

² Graduando em Curso Superior de Tecnologia em Gestão Comercial EAD – Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Graduando em Licenciatura em História – Faculdade Venda Nova do Imigrante-FAVENI; Graduado em Licenciatura em Ciências Sociais – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Programa Ensinar; Técnico em Geoprocessamento – Instituto Federal do Maranhão – IFMA Campus São Raimundo das Mangabeiras; Esp. em Atendimento Educacional Especializado e Educação Inclusiva AEE - Centro de Ensino Superior Dom Alberto - FAVENI; hugoamerico31@gmail.com.

³ Graduada em Bacharel em Administração – Faculdade Atenas Maranhense – FAMA; Graduada em Formação Pedagógica de Docentes do Ensino Fundamental, Médio e Profissional- Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Esp. em Psicologia da Educação-Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. MBA em Administração de RH-UNITER-PR; Esp. em Gestão em Saúde-Universidade Federal do Maranhão-UFMA; Esp. em Docência do Ensino Superior - UNITER-PR; elizaetegomes@hotmail.com.



participativos (SOARES, 1998). Dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA, 2018) apontam que uma parcela significativa de estudantes brasileiros apresenta dificuldades em interpretação de textos e expressão escrita, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas inovadoras.

Tradicionalmente, muitas práticas escolares ainda seguem o modelo de ensino unilateral, no qual o professor é o único detentor do conhecimento (FREIRE, 1970). Essa abordagem, denominada “educação bancária”, limita a participação ativa do aluno e não favorece o desenvolvimento integral das competências linguísticas e cognitivas. Nesse contexto, a colaboração entre pares surge como alternativa viável para potencializar o aprendizado, permitindo que alunos mais proficientes atuem como mediadores e colegas aprendam de forma dialógica.

Freire (1987) enfatiza que a educação é um processo de construção coletiva do saber, no qual o diálogo e a interação social são essenciais. De forma complementar, Vygotsky (2001) destaca a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito que evidencia como a mediação de colegas ou adultos mais capazes promove o avanço cognitivo do aprendiz, especialmente em situações desafiadoras.

O presente estudo tem como objetivo analisar o impacto da colaboração entre alunos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, apresentando resultados observados em uma experiência pedagógica prática e discutindo suas implicações para a educação contemporânea.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, voltada à análise do impacto da colaboração entre alunos no aprimoramento das competências de leitura e escrita. A pesquisa foi conduzida ao longo de um semestre letivo em uma turma do Ensino Fundamental II de uma escola pública municipal.

Participaram vinte estudantes, dos quais cinco foram selecionados como tutores, em virtude do desempenho satisfatório em leitura e escrita, e quinze foram designados como tutelados, apresentando dificuldades nessas áreas. A escolha dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando os resultados obtidos em avaliações diagnósticas aplicadas no início do período letivo.



As atividades ocorreram em duplas fixas, compostas por um tutor e um tutelado, que participaram de encontros semanais supervisionados pela professora-pesquisadora. Durante os encontros, os alunos realizaram leituras compartilhadas de textos literários e informativos, atividades de interpretação textual e produção de textos em diferentes gêneros discursivos, além de momentos de revisão e reescrita colaborativa.

As observações realizadas ao longo do processo foram registradas em diário de campo, e as produções textuais dos alunos foram recolhidas para análise comparativa antes e depois da intervenção. Também foram aplicados questionários de autoavaliação, com o intuito de identificar percepções sobre o aprendizado e a convivência colaborativa. A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo a identificação de categorias relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional dos participantes.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou compreender o processo de aprendizagem de maneira integral, valorizando tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos da experiência educativa vivenciada pelos estudantes. Além disso, a experiência proporcionou um ambiente de aprendizagem colaborativa, onde os tutores não apenas desenvolveram suas próprias habilidades, mas também se tornaram agentes de mudança para seus colegas, promovendo um senso de comunidade e apoio mútuo que é vital para o processo educativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Freire (1970; 1987) propõe que a educação deve ser dialógica, libertadora e crítica, afastando-se de práticas transmissivas que reduzem o aluno a receptor passivo. Segundo o autor, “a educação não muda o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas mudam o mundo” (FREIRE, 1987, p. 72).

O diálogo permite que os educandos construam conhecimento a partir de suas experiências e interações, promovendo consciência crítica e autonomia. Em contextos de leitura e escrita, essa abordagem valoriza o erro como oportunidade de aprendizado e incentiva a reflexão sobre significados e interpretações, estimulando o protagonismo estudantil (FREIRE, 1987).

Vygotsky (2001) entende que o aprendizado ocorre em um processo social e histórico, no qual a interação com colegas mais capazes ou adultos mediatiza o



desenvolvimento. A ZDP representa a diferença entre o que o aprendiz consegue realizar sozinho e o que pode atingir com apoio.

A colaboração entre pares, nesse contexto, permite que alunos mais avançados auxiliem colegas em atividades de leitura e escrita, promovendo internalização de estratégias cognitivas, construção de significado e desenvolvimento de habilidades metacognitivas (VYGOTSKY, 2005).

O conceito de letramento vai além da alfabetização, envolvendo práticas sociais de leitura e escrita em diferentes contextos (SOARES, 1998; ROJO, 2009). Estudos brasileiros apontam que muitos alunos têm dificuldade em interpretar textos complexos, inferir informações implícitas e organizar suas produções de forma coerente e coesa (KLEIMAN, 1995).

A abordagem colaborativa pode ajudar a superar essas barreiras, permitindo que os alunos compartilhem estratégias de leitura, discutam interpretações e construam textos. Assim, a aprendizagem se torna significativa e contextualizada, refletindo práticas de multiletramento, essenciais para a sociedade contemporânea (ROJO, 2009).

A aprendizagem colaborativa tem se mostrado eficaz na promoção de habilidades cognitivas e socioemocionais. Johnson e Johnson (1989) e Barkley, Cross e Major (2005) destacam que o trabalho em grupo estimula o pensamento crítico, a resolução de problemas e a responsabilidade compartilhada.

No Brasil, Damiani (2008) e Torres (2004) demonstram que tutoria entre pares aumenta a motivação, fortalece a autoestima e contribui para a inclusão de alunos com dificuldades. O aprendizado deixa de ser apenas individual e passa a ser construído de maneira coletiva, promovendo desenvolvimento cognitivo e social simultaneamente.

A autoestima desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem, influenciando a disposição dos alunos em participar ativamente das atividades escolares. Segundo Hattie (2009), alunos com uma autoestima elevada tendem a se engajar mais em suas aprendizagens, demonstrando maior resiliência diante de desafios.

No contexto escolar, a promoção do protagonismo estudantil, que é essencial para a Educação Dialógica de Freire, fortalece essa autoestima ao permitir que os alunos se vejam como agentes ativos em seu processo de aprendizagem. Quando os estudantes são incentivados a compartilhar suas experiências e a colaborar com seus pares, não apenas desenvolvem habilidades acadêmicas, mas também constroem uma identidade positiva e confiante. Essa dinâmica reforça a ideia de que a aprendizagem é um



processo coletivo, onde cada voz é valorizada e contribui para o enriquecimento do conhecimento comum.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou avanços expressivos em diversas competências linguísticas e socioemocionais. Os alunos demonstraram maior domínio na leitura de textos, identificando ideias principais e inferindo informações implícitas. Houve também melhora significativa na produção escrita, com aumento da coerência, da coesão e da correção gramatical. O processo de tutoria fortaleceu a interação entre os estudantes e favoreceu a autonomia dos tutelados.

Tabela 1 – Evolução do desempenho em leitura e escrita

Competência	Antes da Intervenção	Após a Intervenção	Variação (%)
Compreensão textual	Baixa	Média/Alta	+35%
Coesão e coerência textual	Média	Alta	+28%
Produção e revisão de textos	Média	Alta	+32%
Autoestima e engajamento	Média	Alta	+40%

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Esses resultados confirmam a eficácia da aprendizagem colaborativa, conforme Johnson e Johnson (1989, p. 53), que defendem que o trabalho cooperativo potencializa a retenção e a compreensão do conhecimento. Os achados reforçam que a aprendizagem colaborativa promove não apenas ganhos cognitivos, mas também desenvolvimento emocional e social. Freire (1987, p. 75) enfatiza que o diálogo é um ato de criação e transformação, e a prática observada mostrou que o ato de ensinar e aprender se tornou uma experiência de construção coletiva.

Vygotsky (2005, p. 123) explica que a interação entre sujeitos em diferentes níveis de conhecimento estimula o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, a tutoria entre pares configurou-se como um espaço de trocas significativas e afetivas, fortalecendo a autoconfiança e a empatia.



Além dos avanços linguísticos, os alunos relataram maior prazer em ler e escrever, reconhecendo-se como participantes ativos do processo educativo. As falas coletadas foram agrupadas em categorias analíticas, apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Categorias qualitativas observadas durante a intervenção

Categoria	Descrição resumida	Exemplo de fala do aluno
Autonomia	Capacidade de planejar e revisar textos de forma independente	“Agora eu consigo escrever sozinho e revisar sem medo de errar.”
Engajamento	Participação ativa nas leituras e nas discussões em grupo	“Ler com os colegas deixa tudo mais fácil e divertido.”
Autoestima	Confiança na produção textual e na exposição de ideias	“Antes eu tinha vergonha de ler, agora gosto de mostrar o que escrevi.”
Colaboração	Ajuda mútua e respeito às ideias dos colegas	“A gente aprende junto e ninguém fica pra trás.”

Fonte: Registros da professora e falas dos alunos (2025).

Essas evidências qualitativas indicam que a tutoria entre pares gera um ambiente de segurança emocional e confiança mútua, elementos fundamentais para a aprendizagem significativa (DAMIANI, 2008, p. 63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que a colaboração entre alunos é uma estratégia eficaz para aprimorar as competências de leitura e escrita, promovendo também autonomia, autoestima e senso de pertencimento. Fundamentada nas concepções de Freire e Vygotsky, a prática da tutoria entre pares mostrou-se um caminho pedagógico que valoriza o diálogo, o respeito às diferenças e a construção coletiva do conhecimento.

Os resultados obtidos indicam que o apoio entre colegas amplia a compreensão leitora e o domínio da escrita, permitindo que os estudantes avancem de forma mais segura em suas produções textuais. Além do progresso linguístico, observou-se o fortalecimento das relações interpessoais e da empatia, aspectos essenciais para a convivência escolar e para a formação cidadã.



O estudo evidencia que o trabalho colaborativo desperta nos alunos o sentimento de responsabilidade compartilhada pelo próprio aprendizado e pelo aprendizado do outro. Essa consciência crítica, conforme defende Freire (1987), é um passo fundamental para que o processo educativo deixe de ser uma simples transferência de saberes e se torne uma prática libertadora.

Desse modo, constata-se que a aprendizagem colaborativa deve ser reconhecida como uma metodologia capaz de integrar cognição e afetividade, teoria e prática, ensino e convivência. A tutoria entre pares contribui para que os alunos se tornem protagonistas de seu desenvolvimento e participem ativamente da construção de uma escola mais democrática e inclusiva.

Por fim, recomenda-se que experiências semelhantes sejam ampliadas para outros níveis e contextos de ensino, com acompanhamento sistemático e reflexão coletiva entre professores e alunos. Investir em práticas pedagógicas colaborativas significa investir em uma educação que, mais do que ensinar a ler e escrever, ensina a conviver, dialogar e transformar a realidade.

REFERÊNCIAS

BARKLEY, Elizabeth F.; CROSS, Patricia; MAJOR, Claire. Collaborative learning techniques: a handbook for college faculty. San Francisco: Jossey-Bass, 2005.

DAMIANI, Magda Floriana. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. Cooperation and competition: theory and research. Edina: Interaction Book Company, 1989.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.



TORRES, Patricia Lupion. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Curitiba: SENAR-PR, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

